

Em ILPF, escolha da árvore deve considerar mercado



[Clique aqui para abrir a imagem](#)

O produtor rural que optar pela integração lavoura-pecuária-floresta (ILPF) deve ter bem delineado o mercado que pretende atender com a madeira que vai produzir. A inclusão de árvores integradas à lavoura e à criação de animais é uma decisão importante por se tratar de um componente não muito conhecido de grande parte dos produtores. Mas existem agropecuaristas que estão investindo nos sistemas integrados completos com sucesso.

Além disso, aos poucos cresce o número de técnicos capacitados para orientar produtores em ILPF. A **Embrapa** Pecuária Sudeste (São Carlos-SP) tem um programa de capacitação continuada que já treinou em quase cinco anos 39 técnicos e atualmente capacita mais 30 profissionais da Cocamar (Cooperativa Agroindustrial de Maringá). De acordo com Hélio Omote, da área de Transferência de Tecnologia do centro de pesquisa da **Embrapa**, esse treinamento da Cocamar em ILPF é teórico e, dentre outras tecnologias, apresenta aos técnicos a possibilidade de uso das árvores em sistemas de integração. A Rede ILPF, uma associação formada por empresas que apoiam a adoção da tecnologia, tem fomentado esses treinamentos

em várias regiões do país.

QUALIDADE DA MADEIRA

O pesquisador José Ricardo Pezzopane, da **Embrapa** Pecuária Sudeste, disse que um dos aspectos a serem considerados pelo produtor é a qualidade da madeira que ele pretende comercializar. 'Quando o preço da madeira de baixa qualidade está baixo, é preciso considerar a possibilidade de suprir o mercado de madeira de qualidade superior para compensar o investimento', disse.

Essa orientação, segundo ele, passa por duas situações: a escolha do tipo de árvore e o manejo. Cuidados no plantio, definição de espaçamentos, controle de formigas, desrama e desbaste são algumas etapas que precisam ser cumpridas.

'O primeiro passo é o produtor verificar se as condições de clima e solo da propriedade são favoráveis para a espécie arbórea escolhida. Um exemplo, o Estado de São Paulo é limítrofe para a espécie Teca, que é muito valorizada, por condições de clima. Para eucaliptos existem diversas literaturas com recomendação de espécies/clones para as regiões. Outra premissa é mercadológica. Existem regiões com mercado ávido por determinados tipos de madeira em função da presença de indústrias moveleiras, celulose etc.', disse Pezzopane.

NOVA FONTE DE RENDA

O consultor José Henrique Bazani, sócio da empresa de tecnologia florestal Geplant, acompanha uma propriedade em Macaé (RJ) que adotou a IPF (Integração Pecuária-Floresta), também chamada de sistema silvipastoril. Seus clientes queriam diversificar e estabelecer uma nova fonte de renda sem afetar a produção atual de carne.

Em 2017 foi implantada uma área piloto de 25 ha na fazenda para validação. 'Como a região tinha pouca tradição florestal e é carente de informações sobre crescimento de árvores, implantamos também um teste de espécies de cultivares em uma área de aproximadamente 5 ha. O objetivo é gerar informação, ao longo do tempo, sobre a adaptação e desempenho das melhores essências florestais para aquela região', afirmou Bazani.

De acordo com o consultor, a iniciativa está dando certo e a projeção é que a propriedade tenha 1.000 ha de área de sistema integrado pecuária-floresta. Para Bazani, a experiência tem sido desafiadora porque o conceito é novo para todos os envolvidos. 'Nós, técnicos florestais, precisamos levar em consideração a presença do animal e do capim convivendo no meio das árvores. E o produtor passou a se preocupar com questões que, até então, não existiam na rotina da fazenda', disse.

Bazani contou que as árvores foram plantadas com a operação de reforma da pastagem, que já estava prevista. 'A gente aproveitou a oportunidade para ganhar tempo no isolamento das áreas até a entrada dos primeiros animais.'

Os eucaliptos foram plantados em linhas simples, com espaçamento de 15 m entre as árvores. Foram feitos o preparo do solo e a fertilização. Até o final do primeiro ano, houve a preocupação de manter as linhas de plantio das árvores livres de plantas daninhas e de capim. 'Tivemos uma atenção especial com o c

Um ponto importante destacado por Bazani é a genética das árvores, ou seja, a definição da variedade que será introduzida no sistema. 'Isso tem que ser pensado com muita responsabilidade porque o retorno é de longo prazo. No nosso caso, estamos falando em um corte final 15 e 18 anos de idade.

Como o volume de madeira será menor do que em uma plantação florestal pura, é preciso planejar os ganhos em relação à qualidade deste produto. 'Ganhar em qualidade está associado a árvores de grandes dimensões e madeira de qualidade superior. É importante que se conheça

qual o mercado que se pretende atingir no futuro? Quais as características que esse mercado exige da madeira? Quais as opções disponíveis?', coloca Bazani.

Segundo ele, dentro do gênero eucalipto há grande variedade de espécies e cultivares. Outras essências, como espécies do gênero Pinus, Teca e outras podem ser usadas no sistema. 'Definir o mercado alvo é fundamental para escolher a espécie que vai usar, a característica da madeira que se quer produzir e qual o manejo será adotado', conclui.

POUPANÇA DE MOGNO

Na região do Pontal do Paranapanema, no oeste paulista, um produtor decidiu fazer uma poupança para sua aposentadoria plantando mogno africano em um sistema integrado com pecuária. Felipe Melhado, técnico da CDRS (Coordenadoria de Desenvolvimento Rural Sustentável) da região de Presidente Prudente, tem acompanhado a propriedade.

Trata-se da fazenda Ribeirão Claro, no município de Piquerobi, onde 100 alqueires, da área total de 223 alqueires, foram ocupados por uma floresta de mogno africano. De acordo com Felipe, são oito talhões, cada um com 10 mil a 15 mil árvores.

A ideia inicial era plantar eucalipto, mas na feira Agrishow o produtor conheceu o mogno africano. 'Foi amor à primeira vista. Ele buscava uma cultura que fosse uma aposentadoria para ele. Não queria retorno imediato. Está apostando na madeira nobre, na movelaria de alto custo', conta Felipe.

Mesmo sabendo que o eucalipto tem rotatividade maior - durante uma colheita do mogno poderia colher três vezes o eucalipto - o produtor apostou na rentabilidade da madeira para movelaria de alto valor.

A fazenda tem oito talhões e todo ano é plantado um novo. Ainda não foi feita nenhuma colheita e a previsão é que as árvores sejam colhidas quando tiverem entre 13 e 15 anos. 'Estamos fazendo os inventários florestais e a empresa que acompanha essa parte informou que nossa floresta está acima da média de crescimento. A floresta mais velha tem seis anos e a previsão é colher de 12 mil a 15 mil árvores/ano.'

Os talhões têm espaçamentos variados. A partir do terceiro ano entra o gado de corte para se alimentar do capim (braquiária). São vacas de cria da raça Nelore, com bezerro ao pé. Felipe conta que uma das dificuldades enfrentadas é o interesse dos animais pela casca do mogno africano, 'altamente palatável' para essas vacas. 'Elas não podem ficar muito tempo na floresta, apesar de ser um ambiente que não traz estresse e de ter capim de boa qualidade.'

O técnico falou ainda que, futuramente, o sombreamento vai impedir o desenvolvimento do capim. 'Mas o foco está na produção de mogno africano para o futuro.' Segundo ele, fazendo as contas, a rentabilidade do mogno africano daqui a alguns anos, se continuar como hoje, é muito positiva comparado com outro empreendimento.

Hoje metade da propriedade tem o mogno africano e a previsão é plantar mais 30 mil árvores. Nas outras áreas, o proprietário tem pasto rotacionado e está renovando a pastagem com plantio de milho e capim. Ou seja, além da IPF, a propriedade também faz a chamada ILP (Integração Lavoura-Pecuária). 'A água da fazenda melhorou, as curvas de nível estão mais protegidas. A floresta traz benefícios para a conservação do solo', finaliza.

Assuntos e Palavras-Chave: Matérias com Citação da Embrapa - Embrapa, Embrapa Pecuária Sudeste